

INFORMAÇÕES

Ofertório para a Santa Sé: O Ofertório das Missas deste domingo, dia 29, destina-se à "Cadeira de S. Pedro", isto é, reverte a favor das despesas da Santa Sé, no Vaticano.

Festa da Fé (Comunhão Solene): Realiza-se no próximo domingo, dia 6. Como preparação haverá: um jantar/convívio nesta 2ª feira, dia 30, às 19,45 h., no salão paroquial, para as crianças e familiares, catequistas e pároco, devendo cada um levar farnel; Celebração Penitencial e Sacramento da Reconciliação para as crianças do 6º volume e família, no sábado, dia 5, às 14,30 h., na Igreja Paroquial.

Reunião da Comissão Fabriqueira: Na próxima 6ª feira, dia 5, às 21 h., no Centro de Convívio.

Reunião do Grupo Sinodal (GS): No próximo sábado, dia 5 de Julho, às 21 h., no Centro de Convívio. O GS é um grupo informal, aberto a toda a gente, que estuda os temas do Sínodo Diocesano. Apareça!

Renovamento Carismático: Este Movimento Católico promove no próximo domingo, dia 6, todo o dia, mais uma Assembleia de Oração e Reflexão para quem queira participar. Decorre esta actividade no Centro Social Paroquial de Santa Maria Maior, junto à Igreja de Santo António, em Viana do Castelo.

Peregrinação à Senhora do Minho: A imagem peregrina de Nossa Senhora do Minho está a percorrer este ano as comunidades paroquiais do Arciprestado de Monção, terminando o seu percurso no próximo domingo, dia 6 de Julho, na habitual "Peregrinação à Senhora do Minho" na Serra de Arga. Esta peregrinação diocesana realiza-se todos os anos no primeiro domingo de Julho, em cortejo automóvel, desde a paróquia em que a imagem peregrina se encontre até ao novo santuário da Senhora do Minho, ainda em construção, no alto da Serra de Arga. Pelas 11 horas, presidirá à Concelebração Eucarística o Bispo Diocesano, D. José Pedreira.

MISSAS			
Dia	Hora	Intenções	
30	Seg	19,15	Rosa Lima e Almas do Purgatório; João Jesus da Silva
1	Ter	19,15	Aristides Passos; Luís Silva da Rocha, Maria José da Silva, José Rodrigues da Costa e Maria José Alves de Sousa; Madame Aubert
2	Qua	19,15	Maria das Dores Pereira Carriço; José de Fátima Ferreira Chiado; Abílio Pereira Carriço; Maria Machado e António Maria Rodrigues; Benjamim Rocha e família; Manuel Basílio Barcelos Lima (7º dia)
3	Qui	19,15	Manuel da Cunha Moledo
4	Sex	19,15	Maria da Conceição, Domingos e Adosinda
5	Sáb	19	Rosa de Araújo Fernandes; Maria do Carmo da Guia Barbosa (aniv.)
6	Dom	8	Domingos Fernandes, Conceição Coelho e José Pedro Coelho; José Guimarães; Angelina Mesquita; Armando Martins Arezes e Maria Miquelina

PARÓQUIA VIVA

Nº 92 – 29/06/2003

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo
Telef: 258835086 / 936322123 / 258806756 • Sai todos os Domingos e Dias Santificados



13º Domingo do Tempo Comum – Ano B
(Solenidade de S. Pedro e S. Paulo)



«Jesus perguntou: "E vós, quem dizeis que Eu sou?". Então, Simão Pedro tomou a palavra e disse: "Tu és o Messias, o Filho de Deus". Jesus respondeu-lhe: "... Também Eu te digo: Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja ... Dar-te-ei as chaves do Reino dos Céus"» (Evangelho)

A CHEGADA DA NOVA CONCORDATA

Por: António Rego

Encontra-se, como é sabido, concluído o novo texto do acordo entre o Estado Português e a Santa Sé, conhecido como Concordata. Salvaguardados os adquiridos e em coordenação com a Lei da Liberdade Religiosa, o novo texto, segundo se crê, deverá ser brevemente assinado, constituindo um precioso instrumento de entendimento entre a Igreja e o Estado e um "estatuto jurídico estável de Liberdade religiosa baseado numa correcta legislação nacional, internacional e (espera-se) europeia, que respeite por igual o modo de ser de maiorias e minorias."

Brilhante e rigoroso é o trabalho exaustivo do Professor Sousa Franco publicado no último número da *Communio*, Revista Internacional Católica. Um trabalho oportuno que situa historicamente e enquadra na modernidade um instrumento jurídico indispensável num Estado laico como é o nosso. Para muitos, Concordata ainda se define como uma espécie de negócio secreto de poderes político e religioso para defesa mútua de privilégios ou até instrumento de promiscuidade para concessões mútuas de benesses arbitrárias. Uma Concordata é uma peça de demarcação de terrenos, funções, meios e liberdade. Sousa Franco afirma claramente que "mesmo para quem (no seu caso) prefere ver na Igreja o ser e não o ter, o serviço e não o poder, o dom não a negociação, a existência necessária de normas e instituições torna possível a emergência fácil de conflitos ou ineficiências no ajustamento entre o ordenamento do Estado e o direito da Igreja. Para aplicar bem a mesma regra há que afinar, por vezes, os pormenores, de forma igual para o que é igual e diferente para o diferente. É isso a igualdade."

(continua na pág. 3)

Solenidade de S. Pedro e S. Paulo - Ano B

LITURGIA DA PALAVRA

Desde o século III que a Igreja une na mesma solenidade os Apóstolos S. Pedro e S. Paulo, as duas grandes colunas da Igreja. Pedro, pescador da Galileia, irmão de André foi escolhido por Jesus Cristo como chefe dos Doze Apóstolos, constituído por Ele como pedra fundamental da Sua Igreja e Cabeça do Corpo Místico. Foi o primeiro representante de Jesus sobre a terra.

S. Paulo, nascido em Tarso, na Cilícia, duma família judaica, não pertenceu ao número daqueles que, desde o princípio, conviveram com Jesus. Perseguidor dos cristãos, converte-se, pelo ano 36, a caminho de Damasco, tornando-se, desde então, Apóstolo apaixonado de Cristo. Ao longo de 30 anos, anunciará o Senhor Jesus, fundando numerosas Igrejas e consolidando na fé, com as suas Cartas, as jovens cristandades. Foi o promotor da expansão missionária, abrindo a Igreja às dimensões do mundo.

Figuras muito diferentes pelo temperamento e pela cultura, viveram, contudo, sempre imantados pela mesma fé e pelo mesmo amor a Cristo. S. Pedro, na sua maravilhosa profissão de fé, exclamava: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo». E, no seu amor pelo Mestre, dizia: «Senhor, Tu sabes que eu Te amo». S. Paulo, por seu lado, afirmava: «Eu sei em quem creio», ao mesmo tempo que exprimia assim o seu amor: «A minha vida é Cristo»!

Depois de ambos terem suportado toda a espécie de perseguições, foram martirizados em Roma, durante a perseguição de Nero. Regando, com o seu sangue, o mesmo terreno, «plantaram» a Igreja de Deus.

Após cerca de 2.000 anos, continuam a ser «nossos pais na fé». Honrando a sua memória, celebremos o mistério da Igreja fundada sobre os Apóstolos e peçamos, por sua intercessão, perfeita fidelidade ao ensinamento apostólico.

1ª leitura: Act. 12, 1-11

«Agora sei realmente que o Senhor me libertou das mãos de Herodes» — Graças à oração da Igreja nascente, perfeitamente compenetrada da importância única da missão de S. Pedro, o apóstolo é libertado da prisão, através duma acção divina, que recorda as grandes intervenções de Deus, na História da Salvação. De modo semelhante, recuperará S. Paulo, mais tarde, a liberdade (Act. 16, 25-34).

2ª leitura: 2 Tim. 4, 6-8. 16-18

«Já me está preparada a coroa da justiça» — Da prisão de Roma, enquanto se prepara para o martírio, Paulo dirige a última mensagem ao seu discípulo Timóteo. É o «testamento do Apóstolo». Presentes a morrer, não solta lamentos de vítima. É um cântico de vitória que entoia. A sua missão está concluída. Já apresentou ao Senhor a oferta, regada com os seus suores e sangue — os fiéis conquistados para Cristo (Fil. 2, 17; Rom. 12, 1). É a hora do seu encontro com Cristo Ressuscitado.

Evangelho: Mt. 16, 13-19

«Tu és Pedro e dar-te-ei as chaves do reino dos Céus» — Após a profissão de fé, feita por S. Pedro, em nome do Colégio Apostólico, Jesus promete o primado a esse apóstolo. Na verdade, com o poder das chaves, ele receberá pleno poder para apascentar, reger e governar todo o Povo de Deus. Exercerá essa função, que é um serviço de amor à Igreja, em comunhão com os demais Apóstolos. Será, porém, através dele, Pedro (pedra viva) que se tornará visível a pedra fundamental e invisível da Igreja — Cristo Ressuscitado.

VIVER A EUCARISTIA

A BÊNÇÃO FINAL

Por: Pe. Dr. António Belo

Podemos dizer que, no decorrer de toda a celebração, há muitas e variadas bênçãos. Esta, mesmo a concluir a Eucaristia, faz parte, juntamente com a saudação da despedida, dos ritos de conclusão.

Costuma dizer-se que a primeira e a última impressão marcam os acontecimentos e as pessoas. E a última é a que permanece. Também é por isso que este momento é tão importante.

As bênçãos estão muitas vezes associadas a poderes mágicos e a superstições. Ser abençoado não significa tornar-se imune de toda a espécie de malefícios, perigos e desgraças mas que, em toda a nossa vida, nos bons e maus momentos, Deus nos protege tais quais somos. Que Deus está do nosso lado. Sempre.

Num primeiro significado, entre muitos, abençoar significa: dizer boas palavras, falar bem de alguém, louvá-lo, elogiá-lo; num segundo, abençoar é: desejar coisas boas e favoráveis a alguém, invocar o favor do homem e, em particular, invocar o favor de Deus. Podemos dizer que nesta bênção se encontram os dois sentidos.

Foi o presidente que abriu a assembleia eucarística; foi ele que presidiu; será ele que a vai concluir. De uma forma digna, serena e calorosa. Sem pressa. Sem hesitações.

Há vários formulários de bênçãos. Elas variam segundo as festas, as circunstâncias, os tempos litúrgicos. É pena que usemos tão pouco as bênçãos solenes: das festas e dos sacramentos. Muitas delas são belíssimas e riquíssimas de forte conteúdo teológico-pastoral.

As bênçãos, em geral, exprimem sempre uma atitude, uma relação entre o homem e o sobrenatural; estabelecem sempre um vínculo de reciprocidade entre o humano e o divino; invocam a Deus, a sua protecção sobre as pessoas e sobre as realidades humanas. Não admira. Não estivemos nós a celebrar o "Mistério da Fé"?

A CHEGADA DA NOVA CONCORDATA (cont.)

Por: António Rego

A história antiga - as "concordias" ou "concordatas" vêm da I Dinastia - recente e actual, tem-nos ensinado que as boas intenções, promessas ou ameaças em momentos de exaltação ou depressão, pouco resistem ao quotidiano no campo da fé, da cultura, dos meios para concretizar uma e outra, e dos imensos conflitos que as ideologias e poderes sempre desencadeiam, tanto por parte da religião sobre o Estado como do Cesaropapismo.

Cremos, pois, e na sequência dos discretos estudos e debates havidos entre representantes do Estado Português e da Igreja, que Portugal se vai entender melhor consigo mesmo após este novo instrumento jurídico. Para não acontecer, como disse Casaroli, de se ter de viver no permanente "martírio da paciência".

A HUMANIDADE NÃO DEVE DESAPESPERAR

João Paulo II voltou a insistir na ideia de um desígnio divino "que rege a história", mesmo nos momentos mais tenebrosos da vida. O Papa falava aos peregrinos reunidos para a habitual audiência geral, decorrida na manhã de 28 de Maio. Comentando o Salmo 107, João Paulo II disse aos fiéis presentes que "ninguém deve desesperar" porque o Senhor da História é Jesus Cristo e assegurou que, "na sua intimidade, na oração, achareis aquela vida em abundância que Ele, sentado à direita do Pai, derrama sobre vós com o dom do Espírito Santo".